



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA



**PSICANÁLISE E LITERATURA: Padrões Arquetípicos entre os Emos em
Manaus e os Românticos do século XIX, em contos de Álvares de Azevedo –
Uma Busca Atemporal por Identidade.**

BOLSISTA: CINDY LOPES MEDEIROS DA SILVA, FAPEAM

MANAUS – 2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA



RELATÓRIO FINAL
PIB-H/0096/2009
PSICANÁLISE E LITERATURA: Padrões Arquetípicos entre os Emos em
Manaus e os Românticos do século XIX, em contos de Álvares de Azevedo –
Uma Busca Atemporal por Identidade.

BOLSISTA: CINDY LOPES MEDEIROS DA SILVA, FAPEAM
ORIENTADORA: PROFESSORA NICIA PETRECELI ZUCOLO

MANAUS – 2010

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação e aos seus autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, foi desenvolvida pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação e se caracteriza como sub projeto do projeto de pesquisa Bibliotecas Digitais.

RESUMO DO RELATÓRIO

O arquétipo é um conceito psicossomático, unindo corpo e psique, instinto e imagem. Para Carl Gustav Jung, esse é um conceito importante, pois ele considerava que as imagens evocam o objetivo dos instintos. E qual é a imagem do instinto? Têm, na verdade, variações infinitas, dependentes da expressão individual. Portanto arquétipo é qualquer comportamento externo, ou qualquer reação a experiências básicas e universais da vida, tais como nascimento, casamento, maternidade, morte e separação. Com o intuito de investigar padrões arquetípicos entre os românticos do século XIX e os Emos em Manaus, efetuamos a pesquisa no modelo bibliográfico. Mesmo não fazendo uso da pesquisa de campo o acesso ao grupo denominado Emo não nos pareceu complicado, eles têm suas características explicitadas, por eles mesmos, na internet e outros veículos como revistas juvenis, portanto traçar seu perfil foi possível através desses meios. Dos românticos, escolhemos a obra *Noite na Taverna* e, mais especificamente, duas de suas personagens para construirmos um modelo representativo dos anseios do jovem no século XIX. Além disso, para que se fizesse compreensível todo o universo proposto pela pesquisa, buscamos autores ligados à Psicologia como Jung e Erik Erikson. Nosso estudo findou confirmando nossas expectativas e foi possível traçarmos, através desses estudos sobre o comportamento social e do adolescente, partindo de leituras sobre a literatura romântica e tomando por base contos de Álvares de Azevedo, uma linha de raciocínio que nos leva a considerar que, por mais esdrúxulo ou anacrônico que possa parecer, cremos que existe um padrão que une gerações na busca por identidade. Um padrão de comportamento que parece aleatório, contudo é complexo e fascinante.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	4
1.1 Fundamentação Teórica	5
1.2 Desenvolvimento	25
1.3 Conclusões	26
FONTES E REFERÊNCIAS	27
CRONOGRAMA EXECUTADO	29

APRESENTAÇÃO

A fim de identificar um padrão arquetípico entre os jovens dos séculos XIX e XXI, delimitamos nossa pesquisa em determinado grupo social de nosso século ao invés de vários deles, apesar de serem todos passíveis de se “encaixarem” em nossos objetivos. Mesmo assim, escolhemos o grupo que é conhecido atualmente por *Emos*.

Além de tal referência, estudaremos especificamente na obra de determinado autor as pistas arquetípicas que nos permitirão montar um elo de ligação entre esses séculos. Será através das personagens de seu conto e, claro, fundamentação de cunho histórico e psicológico, que acessaremos o universo representado em seus contos.

O autor em questão é Álvares de Azevedo e a obra escolhida, *Noite na Taverna*, um texto que gera polêmicas ainda hoje por falar de uma juventude destemida e quase anárquica, capaz de nos fornecer elementos interessantes a respeito dos objetivos deste trabalho, não do homem Álvares de Azevedo, mas dos anseios da juventude de sua época e, é claro, as representações desses anseios.

Para nos fazermos melhor entender, começamos nosso estudo com o conceito de arquétipo, já que é a partir desse conceito que se poderá interseccionar a juventude romântica, depreendida da obra desse autor e os *Emos* em Manaus hoje.

1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É importante considerar que tanto há dois séculos como hoje, a evolução do homem é um processo, e mais ainda, um processo que se dá através de suas interrelações. E são essas que envolvem o “eu”, o “outro” e o “espaço” de maneira tal, que fazem parecer não haver uma nomenclatura ou discurso que satisfaça o conviver de uma sociedade, ou o crescer nela. Mesmo assim tentamos criar “manuais”, guias, na tentativa de justificar acontecimentos desse processo.

Nós adquirimos uma visão geral dos problemas comuns da psicologia da adolescência e da psicologia em geral quando comparamos o retrato da adolescência feito pela literatura com a imagem que emerge dos manuais mais tradicionais [...]. Em nítido contraste com o adolescente vivo e dinâmico do romance ou do conto, a versão do manual parece curiosamente estática e sem vida, um mero compêndio de fatos e generalizações. (GALLATIN, 1978, p. 3).

Ao tentar conceituar a evolução do homem através de seu desenvolvimento psíquico, Freud se faz um dos primeiros e elabora pilares que nos norteiam na hora de escaparmos das meras “generalizações” a fim de entender o processo. Pilares que ele chama de Id, Ego e Superego.

Segundo a teoria, ao nascer o indivíduo está voltado para as suas necessidades básicas. O **Id**, a princípio corresponde a essas necessidades básicas - constitui o reservatório da energia psíquica, onde se “localizam” as pulsões. O **Superego**, inconsciente, é a censura que a sociedade e a cultura impõem. Objetiva um formato moral e ideal de indivíduo para melhor adequação ao espaço social. Em Jung, a moralidade também tem uma natureza inata que veicula fluxo da energia psíquica. Psicólogos analíticos contemporâneos são capazes agora de examinar a natureza indômita, arquetípica do superego primitivo e enfatizam a maneira pela qual este é mais modificado do que realçado, através de introjeções dos pais e da religião.

Ego ou *Eu* é o centro da consciência, é a soma total dos pensamentos, ideias, sentimentos, lembranças e percepções sensoriais. É a parte mais superficial do indivíduo a qual, modificada e tornada consciente, tem por funções a comprovação da realidade e a aceitação, mediante determinada seleção e controle, de parte dos desejos e exigências procedentes dos impulsos que emanam do indivíduo. Quando

o ego se submete ao id, torna-se imoral e destrutivo; ao se submeter ao superego, enlouquece de desespero pela insatisfação.

Para Jung, o Ego é um complexo: o “complexo do ego”. Diz ele, a respeito:

É um dado complexo formado primeiramente por uma percepção geral de nosso corpo e existência e, a seguir, pelos registros de nossa memória. Todos temos uma certa ideia de já termos existido, quer dizer, de nossa vida em épocas passadas; todos acumulamos uma longa série de recordações. Esses dois fatores são os principais componentes do ego, que nos possibilitam considerá-lo como um complexo de fatos psíquicos. (JUNG, apud Leitura Diária, 2007)

O mais interessante aqui é que não precisamos crer em vidas passadas para entender que existe, de fato, uma carga genética em todos nós que é passada de geração a geração. Segundo estudos, como o que podemos conferir em documentário da BBC, série intitulada *Instintos*¹, hoje o consumo de carne e gordura ainda é elevado em virtude de uma herança genética de antepassados nômades que precisavam armazenar gordura suficiente em seus corpos para as longas peregrinações em condições climáticas adversas.

Quando Jung divulga seu conceito denominado *psique*, ele além de se separar de Freud, assume uma certa intimidade com tudo que rodeia o ser, inclusive a religião. Ele resume basicamente *psique* como a “tonalidade de todos os processos psíquicos, conscientes como também inconscientes” (JUNG, apud Rubedo, 2008). Ele associa o termo à palavra alemã *Seele* (alma). Dessa forma, a *psique* pode ser vista como uma perspectiva sobre fenômenos ou a experiência de algum evento significativo para o indivíduo, qualquer coisa que, em determinado momento seja muito importante e não banal ou simplório. Neste sentido a palavra “alma” se torna realmente relevante, seja de maneira ‘convencionalmente’ cristã, através do que ele chama de *anima* ou *animus*, que correspondem às imagens internas e inerentes aos indivíduos, e mesmo à contraposição do feminino e do masculino em cada ser.

Assim sendo, a psique pode ser considerada como uma perspectiva de padrão e significado, não ao ponto de estabelecer uma predestinação, mas de ser discernível pelo próprio indivíduo, sem deixar de lado a existência de componentes autônomos nessa psique/alma. As constantes referências de Jung à impossibilidade de se chegar a um conhecimento final da psique a tornam plural e quase

¹ Episódio 1: *Sobrevivência*. Série *Instintos*, o lado selvagem do comportamento humano.

inconceituável sim, mas ele deixa claro que crê que um grau da evolução para a auto-realização está implícito em todos os processos psíquicos.

Daí a busca pela consciência do processo individual ser também um objetivo individual. Ou seja, a própria mente ou alma ou psique tem o poder de auto-compreensão e reparação, se se perceber, é claro. Segundo a Revista Rubedo em seu dicionário de análise junguiana, padrões arquetípicos – Id; Ego e Superego – esperam o momento de se realizarem na personalidade, são capazes de uma variação infinita, e exercem uma fascinação reforçada pela expectativa tradicional ou cultural; mas são dependentes da expressão individual (a capacidade de fazê-lo é dependente do estágio de desenvolvimento e do estado de consciência do indivíduo).

Neste contexto Jung vai além do Id, Ego e Superego e destaca como a psique luta, bem como a maioria dos sistemas naturais, para se manter sã. Através do que ele chama de ANIMA, a “imagens da alma” ou da oposição na alma como o feminino no masculino, e ANIMUS, o masculino no feminino; a SOMBRA, “a coisa que uma pessoa não tem desejo de ser” (JUNG apud Rubedo, 2008), o lado obscuro de cada indivíduo; a PERSONA, máscara que um indivíduo pode assumir para adequar-se a determinado grupo, ambiente; estabelecendo interrelações entre elas a fim de encontrar a complementaridade, o equilíbrio da psique/alma. Daí anima ou animus equilibram a persona; ego e sombra são emparelhados; e ego é *self*.

As ideias de Jung sobre o relacionamento da psique e o corpo envolvem a psique como baseada no corpo, derivada dele, análoga ou correlacionada com ele, um parceiro dele. Neste âmbito, Jung fala também de uma imagem arquetípica de potencial mais pleno no homem, a unidade da personalidade como um todo, o **Self**, que embora se refira, às vezes, à totalidade da personalidade como um conceito transcendente, também possui a capacidade paradoxal de se relacionar com seus vários componentes, por exemplo, o ego. A psique abrange esses relacionamentos e pode-se mesmo dizer que é formada desses dinamismos. Logo, podemos dizer que cada indivíduo é, portanto, fruto das relações que tem consigo mesmo em diferentes momentos da vida.

Em *Identidade: juventude e crise*, o psicanalista infantil americano Erik Homburger Erikson faz um comentário sobre o que poderíamos considerar um

interessante emaranhado de figuras que um indivíduo é capaz de criar para si, no capítulo intitulado “eu, eu-mesmo e o meu ego”:

[...] são os vários eus que se conjugam para transformar o nosso Eu-Mesmo composto. Há constantes e frequentemente chocantes transições entre esses eus [...] o eu nu no escuro ou subitamente exposto à luz; o eu vestido entre amigos ou na companhia de gente² superior ou inferior; o eu que acaba de acordar [...]; o eu corporal em excitação sexual; [...] ou na cadeira de um dentista; ou o algemado e torturado por homens que também dizem “Eu”. Com efeito, é preciso uma personalidade saudável para que, [...] em qualquer momento dado, possa servir de testemunho a um Eu-Mesmo razoavelmente coeso. Os eus contracenam com os “outros”, com os quais o “Eu” compara os vários eus continuamente (ERIKSON, 1987, p. 218).

A compreensão dessa ideia dos “eus”, de que fala Erikson, é um primeiro passo para a compreensão de um processo maior que é a busca por uma identidade, um tema abordado com propriedade pelo psicanalista. Para ele, a adolescência tem uma posição de destaque por considerar o período particularmente decisivo nesse processo, que é a formação da identidade, quando o indivíduo desenvolve os “pré-requisitos de crescimento fisiológico, maturidade mental e responsabilidade social que o preparam para experimentar e ultrapassar a crise de identidade” (Gallatin, 1978, p. 211). Ele especifica que “a formação de um sentido de identidade se traduz diferentemente nos indivíduos” (Erikson apud Gallatin, 1978, p. 16) mesmo assim, divide seu estudo em fases, como fizera Freud, mas com peculiaridades interessantes.

Nele, a perspectiva da personalidade, por exemplo, é bem mais positiva do que se vê em Freud, sobretudo considerando que o indivíduo é responsabilizado pelo próprio desenvolvimento podendo em cada etapa deste, modificar o próprio comportamento. O que implica dizer que, semelhante ao pensamento junguiano, para ele, não são aceitáveis padrões de comportamento fixos e imutáveis, considerando as variantes no tempo, na intensidade, e mesmo na ritualização de cada experiência vivida, o que torna a transitoriedade um fato na busca pelo “eu”.

Erikson concebeu o desenvolvimento do *ego* em oito fases durante o ciclo da vida – a Fase Sensorial; do Desenvolvimento Muscular; do Controle Locomotor; o Período de Latência; a Moratória Psicossocial; a Maioridade Jovem; a Meia-Idade; e

² Erikson fala aqui, de hierarquia, um elemento fortemente presente em nossa sociedade. Na família temos os avós, o pai, a mãe; no trabalho o chefe e assim por diante.

a Maturidade. Para ele o processo contínuo dessas oito fases representa determinados momentos em que as mudanças físicas, cognitivas, instintuais e sexuais, se combinam para desencadear uma crise interna, de cuja resolução pode surgir tanto crescimento pessoal como regressão psicossocial.

Ele sugere que a crise refere-se a uma “ameaça de catástrofe, [...] um período crucial de elevado potencial, mas também de vulnerabilidade aumentada; e conseqüentemente, a fonte ontogênica de força geradora, ou antes, de inadequação.” (Erikson, 1987, p. 118)

É interessante para a nossa pesquisa destacar a fase quinta, a *Moratória Psicossocial*, esta que, para Erikson, compreende dos treze aos cerca de vinte e um anos, inicia-se a adolescência e a jornada árdua em busca da identidade pessoal, é representada pela impressão causada nos outros, o ego busca estabelecer um sentido qualquer de coerência no *self*. E nesse processo em que o jovem tenta se encontrar e se afirmar, ele experimenta papéis, sobretudo no seio de um grupo de iguais entre os quais possa se enxergar e tentar estabelecer o que é ou não quer ser, o que gosta e não gosta; mas na confusão entre tantas possibilidades, entre a entrega sem reservas e o receio da rejeição, o adolescente pode se sentir indeciso, isolado, vazio e incapaz de integrar o complexo mundo adulto, fixando-se a formas imaturas de reagir mesmo na maior idade.

Para Erikson (1987, p. 129) se as fases mais antigas legaram “à crise de identidade uma importante necessidade de confiança em si e nos outros, então, claramente o adolescente procura mais fervorosamente homens e ideais em que possa ter fé”, paradoxalmente, ele teme confiar demais e “expressará sua necessidade de fé numa desconfiança sonora e cínica”.

Provavelmente seja neste ponto que encontramos a explicação para a quantidade de fãs (fervorosos) adolescentes de bandas e artistas juvenis. Como se funcionassem como uma espécie de escape, aparentemente mais seguro, para expressar essa “fé” de que fala Erikson, expressão esta que pode acabar em fanatismo de precedentes adversos, e tudo, muito provavelmente, somente para esconder a insegurança natural de quem caminha em novos campos em busca de algo tão importante, o si mesmo.

Na verdade parece que é a incapacidade de se decidir, tão logo saia da infância, por uma persona “ocupacional” na sociedade, o que mais perturba o adolescente. Para esse autor, nem mesmo o amor é de fato uma questão sexual

sequer relativamente madura nesta fase da vida, é mais uma questão de auto-afirmação, “uma tentativa de chegar a uma definição da identidade própria mediante a projeção de uma imagem difusa da própria pessoa numa outra, vendo-a assim refletida e gradualmente aclarada.” (Erikson, 1987, p. 133)

Mas se esse espelhar-se no outro pode parecer até um tanto doentio, é, na verdade, natural, pelo menos até certo ponto. No entanto, os jovens também podem se tornar destrutivos, “extraordinariamente dedicados a um clã, intolerantes e cruéis na exclusão de outros que seriam ‘diferentes’, na cor da pele ou formação cultural, nos gostos e talentos” (Erikson, p. 133, 1987), e, frequentemente esboçam essa exclusão em aspectos mesquinhos de vestuário e gestos, arbitrariamente selecionados como sinais de ser ou não ser do grupo.

A ideia é que na tentativa da psique de se auto-compreender e reparar, o jovem busca pares, identificações, qualquer lugar ou coisa onde se possa estar ‘junto de’ para se ‘ver’ através desse par ou identificação qualquer e, para tanto, os adolescentes “superidentificam-se temporariamente com os heróis de ficção e de multidões, ao ponto de uma perda aparentemente completa de individualidade” (Erikson, 1987, p. 130). Mas se estão à procura da individualidade isso parece, de certo modo, um paradoxo bem confuso; em contrapartida, essa complexidade é mais “uma defesa necessária contra um sentimento de perda de identidade” (Erikson, 1987, p. 133), desta mesma que ainda nem fora realmente conquistada, por isso a “fé” dispensada ao outro vem sempre acompanhada da desconfiança, do medo de estar errado, de ser diminuído.

Neste sentido, as relações, ainda que aparentemente alienadas, são fundamentais, pois elas permitem que os adolescentes se ajudem durante o processo de busca pela auto-afirmação.

Os adolescentes não só se ajudam uns aos outros, temporariamente, no decorrer desse conturbado período, formando turmas e estereotipando-se a si próprios, aos seus ideais e aos seus inimigos, mas também testam, insistentemente, as capacidades mútuas para lealdades constantes, no meio de inevitáveis conflitos de valores. (ERIKSON, 1978 p. 133)

Simplesmente, poderíamos resumir que todo esse turbilhão de emoções e conflitos, a “crise” de que fala Erik Erikson, é um fato e que não há como fugir dele, por mais que seja possível compreendê-lo até certo ponto e estudá-lo. Mas isso

seria simplório demais ante as possibilidades que essa busca por identidade traz à tona. Quando Judith Gallatin (1978) se refere aos romances e contos e de como o adolescente parece, nessa literatura, “mais vivo e dinâmico”, ela com certeza não exagera. Falamos de juventude, e de uma busca frenética por algo que, pelo menos nesta fase da vida, mal se sabe se realmente existe.

É provável que, na verdade, estejamos tratando de uma “crise” que é, na verdade uma questão ritualística de passagem. E muitas vezes, quando pensamos em ritual, duas ideias nos vêm à mente: de um lado a de que um ritual é algo formal e arcaico - herança em sociedades primitivas de outras ainda mais antigas; de outro, podemos pensar que os rituais que ainda persistem à modernidade, estão ligados apenas à esfera religiosa, algo que só tem valor ali. Ambas estão ligadas ao ideal do social hierárquico.

Entretanto, mesmo a hierarquia tendo um papel importante na sociedade, a vida social é marcada por um conflito entre dois opostos; o do caos total, onde ninguém segue nenhuma regra ou lei; ou o de uma ordem absoluta, onde todos cumpririam à risca todas as regras e leis já estabelecidas. A visão destes opostos não deixa de ser paradoxal, pois é quase impossível imaginar uma sociedade inteiramente anárquica, e tão pouco, extremamente rígida e inflexível.

Por isso os rituais, concedem autoridade e legitimidade quando estruturam e organizam as posições de certas pessoas, os valores morais e as visões de mundo em uma sociedade. Então é plausível dizer que os rituais emprestam formas convencionais e estilizadas para organizar e equilibrar certos aspectos da vida social. Neste sentido, percebemos que todos os grupos sociais possuem acontecimentos ou eventos que consideram especiais e únicos; entretanto, as sociedades fazem isto de formas muito diferentes. Por exemplo, no Brasil consideramos como especiais tanto uma copa do mundo quanto uma formatura, e ambos são “potencialmente rituais”, como diz a autora Mariza Peirano (2003).

Claude Rivière (1997) analisa uma variedade de ritos, mais ou menos expressivos, que observamos em nosso “mundo profano”, aquele do dia-a-dia. Ele nos lembra os ritos escolares, que vivenciamos desde muito pequenos: os ritos de chegada (cumprimentos da professora e despedida dos pais), ritos de ordem (horários compartimentalizados pela sineta, espaços organizados por filas, de crianças e classes), ritos de atividades (ir ao quadro, ao pátio, falar e escutar em público). Rivière destaca igualmente a aprendizagem da leitura e da escrita, que

atribui uma nova identidade à criança. Ou seja, ela sai, com os novos conhecimentos, de um universo mais restrito e particular e passa a fazer parte de algo maior onde ela pode saber mais sobre muito mais. Ainda com relação à vida escolar em nossa sociedade, lembremos as etapas de fim de colégio e entrada na universidade, os trotes aos calouros, todos os exemplos de etapas que se seguem, atribuindo a cada um de nós novas identidades e novos papéis a serem desempenhados junto ao grupo com o qual convivemos ou passaremos a conviver.

Recentemente, sociólogos e antropólogos passaram a considerar que o meio urbano não poderia ser destacado somente pela visão de indivíduos individualistas, mais que isso, passaram a enxergar as cidades como conjuntos de comunidades ou aldeias urbanas. Estudando sobre ritual e símbolos, os historiadores urbanos e nós, poderíamos encontrar respostas para como nascem, se mantêm e se dissolvem estas aldeias/tribos.

Victor Turner, citado por Burke (2002), ao desenvolver uma das ideias de Durkheim sobre a importância de momentos de “efervescência criativa” visando à renovação social, estampou o termo “communitas” para referir-se a solidariedades sociais espontâneas, não estruturadas. Ao que parece, é inevitável que essas tribos sejam impermanentes, pois, “um grupo informal desaparece ou, então, solidifica-se em uma instituição formal” (TURNER apud BURKE, 2002, p. 84). Ainda assim as “communitas” podem ser revividas periodicamente dentro da sociedade bem estruturada graças aos rituais.

“Um termo útil para designar aquilo que esses rituais estimulam é ‘identidade coletiva’ (BURKE, 2002, p. 84). A formação da identidade nacional, em particular é bastante estimulante, o poder da memória, da imaginação e, sobretudo, da linguagem é fantástico; o sentimento das pessoas a respeito da nacionalidade tornou-se, no Brasil, por exemplo, uma questão de importância política no século XIX, e um dos grandes responsáveis por esse “nacionalismo” é a literatura e o Romantismo.

Para Afrânio Coutinho, o início do movimento romântico é um momento impactante na história desse século. Para este autor, encontramos na França e Inglaterra grande parte das origens do termo “Romantismo”, no século XVIII. Termo que, neste momento, fazia referência a criações poéticas ligadas à tradição medieval de “romances, narrativas de heroísmo, aventuras de amor, em verso ou em prosa” (COUTINHO, 1997, p. 4).

Ainda segundo Coutinho, o subjetivismo do Romantismo só começa a ser considerado e variar nas primeiras duas décadas do século XIX. Mas parece que o que o termo veio designar, de fato, vai mais além, como o movimento estético traduzido em um estilo de vida e de arte, que dominou a civilização ocidental, durante o período compreendido entre a metade do século XVIII e a metade do século XIX: “é um movimento conjunto e unificado, com características gerais e comuns às várias nações ocidentais” (COUTINHO, 1997, p. 5).

As novas tendências que se opuseram no meado do século XVIII aos ideais neoclássicos, preludiando o Romantismo, refletem um estado de espírito inconformista em relação ao intelectualismo, ao absolutismo, aos convencionalismos clássicos, ao esgotamento das formas e temas então dominantes. A imaginação e o sentimento, a emoção e a sensibilidade, conquistam aos poucos o lugar que era ocupado pela razão. (COUTINHO, 1997, p. 5)

Foi em meio a inúmeras transições que nasceu o Romantismo. Revoltas contra o Absolutismo, a Revolução Francesa, a conturbada transição entre a clássica aristocracia do século XIII e a revolução industrial que abre as portas para a burguesia, uma nova forma de sobrepujar um grupo, ainda maioria, na segunda metade do século XIX. É nesse período também que os Estados Unidos se tornam independentes dos ingleses e cria-se o primeiro governo constitucional da América.

O primeiro romantismo alemão foi chamado de “o movimento Tempestade e Ímpeto”, assim, é fácil imaginar o quadro contraditório em que se encontra o berço romântico e que muito o influenciou. Acontece que os conflitos gerados por esse quadro, dão margens aos conflitos entre “o eu e o mundo, o indivíduo e Estado” e por sua vez proporcionam a “eclosão de um individualismo em grau e profundidade como talvez nunca antes se tenha assistido no Ocidente” (CITELLI, 2007, p.11).

A extrema emotividade, o pessimismo, a melancolia, a valorização da morte, o desejo de evasão, são apenas algumas das muitas formas de o romântico revelar sua perplexidades ante um momento em que os valores se tornaram inaceitáveis. (CITELLI, 2007, p. 11)

Como mencionado, a França funcionou como a grande codificadora do romantismo por apresentar um panorama altamente explosivo no final do século XVIII; de um lado uma sociedade fechada, de outro, uma massa miserável entregue à opressão, e é essa miséria e desespero das classes populares que levaram o país

a um novo regime que se inicia depois do 14 de julho, e o romantismo vem difundir a inflamação nacional e a esperança de que o país, recém-liberto, poderia sim, vir a funcionar a partir dos princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

É verdade que a nova legislação assegurava a integridade do cidadão; porém, não se deve esquecer que, conquanto a revolução tivesse quebrado as bases do poder feudal, as desigualdades sociais permaneciam. Assim, os privilégios se mantiveram e a liberdade não foi traduzida amplamente em igualdade: os ricos ficaram mais ricos e os pobres continuaram sua rotina de carência e marginalidade. (CITELLI, p. 19, 2007)

Mas os românticos haviam acreditado e endossado os princípios revolucionários e foram responsáveis pela identificação do novo Estado à nação, a partir da literatura. E, da mesma maneira, nos países que lutavam pelos mesmos ideais, aos românticos cabia quase que o mesmo papel. Eram relacionados, bem como filósofos e homens da ciência, quase que mecanicamente à identificação nacional e luta pela liberdade. Como é possível perceber, desde o final do século XVIII até o XIX, o mundo sofria por e com revoluções.

No Brasil também houve conflitos. Depois da Independência, foi preciso encontrar uma nova máscara que enfeitaria o rosto da nação brasileira.

O sete de setembro teria que ressoar em termos de moeda corrente, capacidade de legislar, definição institucional; enfim, na constituição de um perfil nacional suficientemente forte para provar a viabilidade do filho insurgente frente aos atentos olhos europeus. (CITELLI, 2007, p. 47)

A primeira fase do Romantismo brasileiro veio, também, para dar forma a essa máscara, e uma geração de heróis a um país sem nenhum que lhe fosse nativo. Nas gerações posteriores, essa tentativa de formatar a identidade nacional, no entanto, ganha ares pouco mais complexos, pois dá voz a anseios íntimos, platonismo descarado, crises de personas que habitam uma única. A partir da segunda geração, o heroísmo passa a ser mais simples do ponto de vista prático, dispensa batalhas e sacrifícios políticos, parece partir do pressuposto que as soluções devem vir do meio para as bordas.

Os românticos, aqui, parecem indiferentes à política ou à sua própria sociedade, mas vibram com a turbulência Europeia, e sem deixar de lado o mesmo sentimento europeu de insatisfação, o poeta brasileiro nesse período é jovem,

impetuoso e cético, tem em sua literatura a atração pela morte e o platonismo amoroso. O que o faz parecer desinteressado, com um certo ar 'blasé' que, mais tarde se tornaria até característico de meados do século XIX, bem como de todas as gerações jovens posteriores.

Segundo o professor Jean Bellemin-Noël, podemos ver a psicanálise como “a arte de decifrar uma verdade em todos os setores enigmáticos da experiência humana” e o fato literário, como uma espécie de receptáculo de “uma parte de inconsciência, ou de inconsciente” que é o que lhe dá vida. Dessa maneira, “o poema sabe mais que o poeta”, e é possível perceber um pouco disto ao analisarmos, dois dos contos da obra *Noite na Taverna*, do jovem escritor romântico, Álvares de Azevedo.

A arte é o único domínio em que a onipotência das ideias se manteve até nossos dias. Só na arte ainda acontece que um homem, atormentado por desejos, realize algo que se assemelhe a uma satisfação; e, graças à ilusão artística, este jogo produz os mesmos efeitos afetivos, como se fosse algo real. (Freud apud Noel, 1978, p. 23)

O que Freud diz sobre a arte se aplica às impressões que temos na leitura de *Noite na Taverna*. Por todo o texto é possível encontrar elementos que se contrapõem aos padrões e costumes de uma época marcada pelos últimos lampejos da aristocracia do século XVIII, e o cientificismo urbano-industrial da segunda metade do século XIX. Rápidas transformações por toda a Europa, também influenciaram o modo de viver e pensar de todos os brasileiros desse período.

Em 1885, foi publicada, em uma coletânea de dois volumes dos textos de Álvares de Azevedo, a obra *Noite na Taverna*, de onde analisaremos alguns contos neste texto.

Segundo Hildon Rocha, ainda não há estudo aprofundado e sistemático das influências sofridas por Azevedo, “suas leituras, a julgar pela alusões e epígrafes de suas poesias, foram contudo extensas” (p. 14).

Sobre o dramaturgo e *conteur* falamos Noite na Taverna e Macário, duas obras denunciadoras de um prosador seguro e consciente de sua arte, de um prosador que os anos, sem dúvida alguma, apurariam. [...] Talvez nele tivéssemos o grande dramaturgo que os palcos brasileiros sempre sonharam. [...] Em Noite na Taverna é o contista, imaginoso, exuberante que se nos apresenta. As histórias são fantásticas, o estilo é muito próprio da época: adjetivo,

reticencioso... Mas a imaginação do autor é viva, febril. Um trovador que muito daria de si, quando tempo apurasse os ardores da mocidade. (CAVALHEIRO, apud ROCHA, 1982, p. 16 - 18)

O livro conta várias histórias de amigos que se reúnem para beber numa determinada noite. Mais do que pelos elementos romanescos e satânicos que a condimentam (incesto, adultério, necrofilia, traição, antropofagia, assassinatos por vingança ou amor), a obra impõe-se pela estrutura: um narrador em terceira pessoa introduz o cenário, as personagens, a situação, e praticamente desaparece, dando lugar a outros narradores - as próprias personagens, que em primeira pessoa contam, uma a uma, episódios de suas vidas aventureiras.

A primeira parte constitui uma espécie de apresentação do ambiente da taverna, da roda de bebedeira, de devassidão em que se encontram os personagens, do clima notívago e vampiresco. O tom declamatório anuncia a noite e as histórias que estão por vir.

Johann, Bertram, Archibald, Solfieri, o adormecido, Arnold e outros companheiros estão na taverna, dialogando sobre loucuras noturnas, enquanto as mulheres dormem ébrias sobre as mesas. Falam das noites passadas em embriaguez e pura orgia. Solfieri os questiona a respeito da imortalidade da alma, sobre como a mulher ideal, sobre Deus, que só é procurado quando se está próximo da morte, sendo, pois, uma espécie de “utopia do bem absoluto”

Trata-se de contos dentro de um Conto, e cada um, tem como título o nome da personagem principal daquele conto no livro, nos deteremos aqui aos dois primeiros, o capítulo II – **Solfieri** e o capítulo III – **Bertram**; porque cremos que sejam suficientes para que possamos identificar e destacar os padrões arquetípicos do romantismo do século XIX e os Emos, proposta que estamos sugerindo desde o princípio desta pesquisa.

Vale ressaltar que nestes contos é possível encontrar, desde o início, inconsistências, imagens insólitas que imediatamente parecem ser indícios de uma literatura que para alguns autores, denomina-se *Fantástica*.

Esta afirmativa é, sem dúvida, passiva de muitos debates, pois existem autores que vêem esse tipo de literatura de maneira mais flexível e outros nem tanto, como é o caso de um dos mais conceituados teóricos no assunto, Tzvetan Todorov, que é extremamente rigoroso, e diz que para ser fantástica a literatura precisa, sobretudo, provocar incertezas no leitor e/ou nas próprias personagens envolvidas no conto,

além, é claro, da questão verossimilhança, que diz respeito à proximidade com o que se entende por realidade.

Selma Calasans Rodrigues fala sobre esse entendimento da realidade, usando por base os realistas: “É claro que os realistas não conseguiram descrever o real tão objetivamente quanto o desejavam. Cada artista representará um olho” (RODRIGUES, 1988, p. 24). Isso implica dizer que a realidade é também algo pessoal, é o que acreditamos ver; o que não acreditamos, é, para Todorov, *Maravilhoso*.

Ele defende que uma literatura fantástica precisa evitar elementos mágicos para não se encaixar no conto “Maravilhoso”, ou seja, para ele, essa literatura precisa, na verdade, estar bem mais próxima do verossímil; é o elemento inverossímil se fazendo oposto ao Fantástico.

É com certeza por isso que alguns críticos pensam em *Noite na Taverna* como uma obra, ao menos, classificável como precursora do Fantástico no Brasil. Contudo, Solfieri e Bertram, não são personagens que podemos destacar como verossímeis, característica importante para o fantástico. Em um dado momento do primeiro conto, por exemplo, a personagem Solfieri “abriu a camisa, e viram-lhe ao pescoço uma grinalda de flores mirradas.” (p. 174) Na história que o rapaz conta, não há citação de datas, mas as personagens deixam claro para o interlocutor que nada do que será contado teria sido há pouco tempo, no último capítulo, o narrador comenta ter se passado, de sua história até aquele momento, pelo menos cinco anos, o que nos leva a crer que esse mesmo tempo se aplica às outras histórias, uma vez que existem tantas marcas temporais, de comportamento e temas recorrentes em todos os contos no livro, como é o caso do exibicionismo, da negação à família e à religião por exemplo; bem como se vê no comportamento de muitos grupos/tribos do século XXI.

Haver uma grinalda “murcha e seca como o crânio dela!”, é inverossímil. Ele usa esse artifício na tentativa de dar credibilidade à sua história dando a entender que anda sempre com a grinalda murcha no pescoço, mas então por que ela não se desfaz, se não há qualquer elemento sobrenatural que a mantenha? No Fantástico, temos um verossímil que pode ser influenciado por elementos além da compreensão, como o amor, poderia ser a razão pela qual as flores não se desfazem em seu peito. Mas não é o caso, o que vemos neste conto é a necessidade da personagem em provar a sua história, provar que passou por tais

eventos, ele é o foco e não a moça ou qualquer sentimento além de nossa compreensão.

Um outro ponto importante e comum aos contos, é a justificativa ou a explicação. Tanto para o texto fantástico como um maravilhoso, temos os fatos explicitados e jamais explicados. Uma vez a dúvida, como diz Todorov, ser marca desse tipo de literatura, dar qualquer explicação ou justificativa elimina o benefício da dúvida, dada a incerteza que deveria ser propositalmente manipulada pelo autor se o objetivo fosse deliberadamente ser Fantástico.

Sob a pressão do racionalismo crescente [...]. Paradoxalmente o fantástico floresce e se torna matéria literária. Mas ele deve ser tanto quanto possível colocado dentro de um quadro de verossimilhança. Daí a experiência inverossímil ser assumida por um personagem-narrador, um eu – que conta uma história dentro da história. (RODRIGUES, 1988)

Considerando que não poderíamos tomar as experiências do autor para a construção da obra, o que provavelmente seria injusto do ponto de vista científico, neste caso, uma vez que não se trata de uma pesquisa biográfica, não é possível desconsiderar, além dos fatos históricos que nortearam a produção de obras como esta, as prováveis leituras do autor, como já comentamos antes. Estas, normalmente, influenciam ainda mais as ideias e as personagens, e nesta obra em particular não seria diferente.

Vê-se o Fantástico aqui, não porque fosse de fato a intenção do autor, mas, porque suas leituras já tinham resquícios dessa tendência. Leituras como Frankenstein (Mary Shelley), que teve sua primeira publicação treze anos antes do nascimento de Azevedo; além de outras leituras ligadas ao Gótico e que povoavam o romantismo europeu de sua época podem ter ajudado na confecção do cenário desses taverneiros.

Das duas uma: ou nós fizemos uma verdadeira caricatura de interpretação, imputando a uma obra de arte inofensivas intenções que seu autor nem sequer imaginava – mostrando assim mais uma vez como é fácil encontrar aquilo que se procura e de que estamos nós mesmos penetrados (... ou então) o romancista pode perfeitamente ignorar esses processos e essas intenções, a ponto de negar de boa fé que tenha tido conhecimento deles; entretanto, não encontramos em sua obra nada que não esteja nela. Nós nos abeberamos sem dúvida na mesma fonte, modelamos a mesma

massa, cada um com nossos métodos próprios. (FREUD, apud NOËL, 1978, p.67)

É comum ouvirmos que uma palavra depois de dita ou um texto depois de escrito, já não pertence mais a quem o disse ou escreveu e sim a quem ouve e lê; tampouco o “eu” que fala na obra precisa ser o mesmo ‘eu’ que escreve. Portanto, é possível dizer que o texto tem poder polissêmico e é capaz de jogar com o leitor. Quando o leitor se identifica ou se considera capaz de tirar suas próprias conclusões, baseando-se em si próprio, suas experiências individuais e coletivas, é neste momento que o texto se torna espelho e o jogo acontece. Um jogo que nada mais é do que uma interação que o texto tem com a alteridade do leitor, que equivale à busca de que falamos antes, a busca por identidade.

Dessa forma, podemos dizer também que nem sempre é preciso vivenciar uma experiência para poetizá-la já que a palavra pode ser mais viva e poderosa do que o “real”. E em Noite na Taverna, temos a prova disso.

Bertram, o segundo personagem, conta uma história mais difícil de acreditar. Desde o início ele justifica suas “faltas” pela decepção causada por uma mulher, que mata marido e filho para viver “mundanamente” com o rapaz que por sua vez, apesar de ver a cena do crime, achar “horrível”, parece considerar um ato simplesmente romântico e foge com ela sem maiores pudores. Quando ela finalmente se cansa, o deixa e ele passa a viver uma vida insípida marcada por traições, adultérios e até mesmo antropofagia; e tudo isso de maneira muito natural, até demais se pensarmos um jovem romântico no século XIX.

A psicanálise opera sobre a linguagem, fator de verdade e alienação nas relações entre pessoas e no próprio interior da pessoa: o que [...] ensina ela sobre este lugar de exercício privilegiado da linguagem que é o conjunto da literatura, onde a realidade secreta do indivíduo se exprime melhor que em qualquer outra parte? (NOËL, 1978, p. 32)

Vale ressaltar as palavras de Freud para refletir sobre a questão proposta por Noël, “graças à ilusão artística, este jogo produz os mesmos efeitos afetivos, como se fosse algo real.” (FREUD apud NÖEL, 1978, p. 23). “Como se fosse”, mas não é. Se for literatura, se for arte, não é real; o “eu” que escreve já não é mais; então pode até parecer inócua debater sobre os sentidos que podem ter uma obra, mas “percebeu-se que o domínio da imaginação era uma ‘reserva’ formada no momento

da transição dolorosa do princípio do prazer ao princípio da realidade” (Freud, apud. Noel, p.52, 1978); e é neste ponto que fazer estudos como este se tornam interessantes e passíveis de relações entre os tempos e as sociedades por exemplo, pois o autor, o homem-gênio, no momento que escreve, inaugura todo um leque de possibilidades para suas personagens, suas histórias e realidades, portanto, ele doa a obra a quem a lê.

Podemos considerar que Azevedo bebeu nas obras europeias e estas estavam cheias de um Romantismo bem diferente do da primeira geração aqui no Brasil, é um Romantismo que antecipa filmes, em especial o de terror, que é mais questionador, que põe em cheque as questões sociais, o cientificismo e, conseqüentemente, a individualidade. Primeiro Frankenstein, mais tarde o Drácula, personagens diferentemente sedutores que provam que o diferente e o que parece estranho, é capaz de hipnotizar.

Azevedo já estava morto quando esses textos se popularizaram, mas pode-se perceber o embrião de tudo isso daqui mesmo, e ele escreve sobre, da forma que sua maturidade permite fazer, inferindo sua possibilidade a partir do *inconsciente*³ *coletivo*. E se esse modo de contar um conto capaz de gerar debates tiver sido inconsciente para ele, ou não, temos aqui o elemento que buscamos, a *identificação*.

Como acontece no livro, os jovens hoje buscam ser indivíduos individualmente presentes. Para tanto, busca-se um grupo menor e mais parecido com uma determinada imagem a fim de ter a chance de se destacar. Tanto Solfieri como Bertran faziam parte de um mesmo grupo, que naquele momento era formado por todo o cenário sombrio e seu símbolo ante as histórias que iriam contar e as demais personagens, que faziam frente a suas histórias e da mesma maneira tentavam se impor contando as suas próprias. De qualquer maneira temos ali um quadro de jovens que buscam uma identidade pessoal através do coletivo, ou juntamente com ele. Ou seja, é bem fácil entender que todos nós temos mais facilidade de nos destacar em um grupo menor que em um macro.

³ Por esse termo, Jung entende aquele nível psíquico onde se registra a experiência acumulada da espécie, ao longo de sua história. Ele nos diz: "*Ao lado desses conteúdos inconscientes pessoais, há outros conteúdos que não provém das aquisições pessoais, mas da possibilidade hereditária do funcionamento psíquico em geral, ou seja, da estrutura cerebral herdada. São as conexões mitológicas, os motivos e imagens que podem nascer de novo, a qualquer tempo e lugar, sem tradição ou migração históricas. Denomino esses conteúdos de inconsciente coletivo.*" (JUNG apud Rubedo, 1999).

É exatamente por esse caminho que ainda seguimos hoje, buscamos pequenos grupos que nos atraem por uma ou outra razão e pelo qual nos condicionamos a parecer igual, entretanto, lá dentro, precisamos ser únicos e buscamos isso com o mesmo afincamento que parecemos buscar sermos iguais. E por vezes nos perdemos na hora de assimilar as possibilidades que uma relação de grupo nos oferece e entramos em “crise”. Uma crise é claro, associada quase sempre à adolescência, mas que, como vimos em Erikson, faz parte de nossas vidas.

É por essa razão que, ao longo da história de nossa sociedade, as gerações vêm criando clãs que ‘levantam bandeiras’ se portando como que à margem do comum, do tradicional ou do moralmente correto. É o caso dos *Hippies* e a “contracultura” dos anos 60; os *Punks* e o princípio do “faça você mesmo”; e a partir deles, tantos outros como o Hardcore e o Emocore. Movimentos que se tornaram referência quando se fala de Tribos.

Hoje o Emo nada mais é do que uma versão de tudo isso. A palavra Emo é, mais precisamente, a abreviação do inglês *emotional* e parece ter começado a partir de um gênero de música derivado do Hardcore. O termo foi originalmente dado às bandas do cenário punk de Washington, que compunham num lirismo mais emotivo que o habitual. O que com certeza provocou controvérsias entre os jovens na época havendo “necessidade” de uma divisão mais clara. Então, já em meados dos anos 80, surge uma expressão para especificar esse novo grupo, o *hardcore emocional* que mais tarde se transformaria para *Emocore* que designaria as bandas que tocassem um rock mais “sentimentalista”; assim sendo, seus adeptos passaram a ser conhecidos como *Emos*. O curioso é que muitas bandas parecem não ter aceitado o novo rótulo, portanto, ele acabou se tornando pejorativo e passivo de represálias.

Mais curiosa ainda é a forma como esse ‘movimento’ resurgiu agora no século XXI no Brasil. O que antes era basicamente um movimento musical, hoje parece se tratar, principalmente, de uma moda. Adolescentes por todo o Brasil adotaram o estilo preto com listras, cabelos lisos com franja e tênis All Star, e passaram a se reunir em locais determinados as sextas ou quartas-feiras e marcarem presença frequente nos shoppings de todo o país.

Trata-se mais exatamente da identificação de um indivíduo comum com um certo número de pessoas que têm uma vivência de

transformação coletiva. É uma situação psicológica especial, que não deve ser confundida com a participação em um ritual de transformação, o qual é realizado de fato diante de um público, mas não depende de forma alguma de uma identidade de grupo nem gera necessariamente uma tal identidade. É algo bem diferente vivenciar a transformação no grupo do que em si mesmo. (Jung, 2000, p. 130)

Relembrando Erikson, vamos pensar na Moratória. Depois de nos perguntarmos se existimos, passamos a nos questionar, para que? Coerência do próprio ser é o que mais almejamos nesse momento, mas, aos 13 anos de idade por exemplo, o “processo” parece um obstáculo intrasponível. Nesse sentido, o ato de experimentar se torna uma válvula de escape segura, e o reconhecimento ou a “projeção” no outro é quase necessária.

É dessa forma que os jovens se ajudam. Criam uma identidade provisória baseada em qualquer coisa que possa funcionar como um “espelho alternativo” (grifo meu), uma forma de se enxergar, se individualizarem do grupo macro. O que não significa que se trate de um “espelho” (representado pelo comportamento de cada grupo) seja inédito, afinal de contas, já não vimos o “amor livre” antes? Com certeza os movimentos se repetem, ainda que com particularidades determinadas principalmente pela época e espaço, porque a nossa cultura tem capacidade de nos condicionar a isso.

De fato, os indivíduos podem perder o controle da situação, embora na maioria dos casos isto não seja verdadeiro. E não o é porque o conhecimento mínimo referido abrange um certo número de padrões de comportamento que são regulares e, portanto, permitem previsão. (LARAIA, 1995, p. 85)

Para fins desta pesquisa, podemos dizer que desde a Epicureia até os Emos, uma palavra surge para caracterizar todo um pensamento quanto a Moratória, subversão. Essa palavra, que denota transtorno ou revolta, costuma limitar o processo de formação do Self a uma fase natural, porém pouco importante, ou simplesmente “crítica”, quando, na verdade, merece atenção e o devido respeito é claro. Entendemos que os elementos que destacamos nas personagens de Noite na Taverna, como o exibicionismo, que é a necessidade de ser visto e reconhecido dentro do grupo; a negação, tanto à família quanto ao sistema religioso, que cria

dogmas sociais e parece tornar todos iguais, são os mesmo que norteiam os Emos em nosso país e em nossa cidade.

Nem as personagens do conto tampouco, os adolescentes que representam esse grupo em Manaus, compõem uma formação política ou tentam vender ideologias revolucionárias, eles só querem “ser”, da maneira menos dolorosa e arriscada possível. Ainda que para muitos de nós pareça o contrário, uma vez que o que “destoa” do macro é passivo de marginalização, como aconteceu com os românticos da geração Azevedo; os jovens que ele nos apresenta em seu conto; e, da mesma maneira, os Emos em nossa cidade.

[...] Tais crenças contêm o germe do racismo, da intolerância e, frequentemente, [...] os primeiros são melhores por definição e recebem um tratamento diferenciado. A projeção desta dicotomia para o plano extragrupal resulta nas manifestações nacionalistas ou formas mais extremas de xenofobia. (LARAIA, 1995, p. 75)

Dessa forma, mesmo que inicialmente possa parecer anacronismo relacionar jovens de uma tribo contemporânea a personagens do Romantismo do século XIX, o que se pretendeu demonstrar no decorrer da pesquisa aqui plasmada em forma de texto é que a busca por identidade é, definitivamente o elemento que une gerações. Suas representações são variáveis, a forma como a sociedade percebe e assimila tais representações também, mas essa busca é um fato e seu sucesso é provavelmente uma “obra” para a vida toda.

1.2 DESENVOLVIMENTO

A pesquisa, por ser de cunho bibliográfico, está com seu desenvolvimento contemplado no item Fundamentação teórica, pois acreditamos que separar a Fundamentação do Desenvolvimento seria pernicioso para o modo como construímos a pesquisa e o texto.

Cabe, porém, algumas observações a fim de reforçar o ganho com o desenvolvimento da pesquisa, a saber. De maneira alguma pretendemos relacionar Emos e Românticos diretamente. O que nos interessa, de fato, é relacionar um padrão de estruturação dos desempenhos psicológicos dos dois grupos, ou seja, buscamos encontrar um padrão arquetípico nos dois grupos. Vale ressaltar que também não enxergamos o Emo como principal objeto a ser pesquisado, na verdade é a partir primeiramente da obra de Álvares de Azevedo e do conceito denominado arquetipo que a pesquisa se desenvolve.

Entendemos que é possível sintetizar a idéia de identidade como busca arquetípica do jovem (seja ele Romântico, seja Emo). Portanto, o que buscamos estudar aqui foi o comportamento individual como uma maneira de afirmar-se no meio social, identificando de que modo isso se configura como a busca pela identidade individual, tentando (a partir das personagens de *Noite na taverna*), entender o comportamento coletivo, o comportamento de certas tribos, no caso, os emos.

Consideramos que apesar de não haver, ainda, uma literatura específica sobre o Emo, é possível perceber a mesma intensidade da busca por identificação pessoal no seio de um grupo como se percebe já nas palavras das personagens de *Noite na Taverna*.

CONCLUSÕES

A chegada à idade adulta traz preocupações com as quais muitos jovens não conseguem lidar sozinhos, pois os papéis estabelecidos para esta fase, como diria Erik Erikson, desencadeia uma “ameaça de catástrofe”. É uma fase mais avançada que as três primeiras, *Sensorial*; *Muscular* e *Locomotora*, e comportam responsabilidades e deveres aos quais esses jovens se sentem freqüentemente despreparados a cumprir. Nesse contexto, a necessidade de inserção do jovem em grupos juvenis na busca de uma identidade é normal e fundamental para a formação da personalidade e para o amadurecimento do mesmo, tendo a música, por exemplo, juntamente com uma série de outras atividades de socialização e de identificação social, participação preponderante neste processo.

Se observarmos bem a evolução da música na história, principalmente do século XX aos dias atuais, poderemos perceber que em todos os grandes movimentos musicais e, por conseguinte, culturais, houve forte influência dos jovens e para os jovens, visto que a música é um meio de expressão democrático que exerce o papel de válvula de escape dos mais diversos sentimentos e ideologias, elementos estes que marcam o processo de que falamos. Da mesma maneira está a literatura, principalmente para os jovens do século XIX, neste caso é essencialmente ela quem funciona como essa válvula de escape.

Em Manaus, pode-se identificar um número considerável de grupos que se manifestam socialmente de maneiras diferentes porém numa mesma busca, como já dissemos. Ao tomarmos como referência as bandas de rock manauaras, por exemplo, podem-se identificar diferentes culturas juvenis que se auto-intitulam “emos”, “indies”, “punks”, entre outras, que necessariamente não surgiram como estilos juvenis em Manaus, mas foram adaptadas de outros centros urbanos, dado o acesso massivo à informação proporcionado pelos inúmeros meios de comunicação característicos da globalização.

Essas culturas procuram marcar diferenças frente as “fases” que caracterizam a busca de uma identidade – estabelecendo papéis – a partir de uma aculturação característica da modernidade, reviver certas tradições de outras gerações através

da música, ou do vestuário, do comportamento, de gostos, ou seja, de um *ethos*⁴ específico faz essas culturas juvenis, também denominadas metaforicamente de “tribos urbanas”, desenvolvem toda uma estrutura espacial e de hierarquia com vistas a desenvolver suas atividades, que variam de acordo com o grupo.

Na literatura, Álvares de Azevedo nos mostra jovens com o mesmo ímpeto e provavelmente os mesmos medos que enfrentamos hoje pra crescer. As personagens de Noite na Taverna, por mais que pareçam mais adultas, só o são em idade. No decorrer da pesquisa relativizamos o anacronismo, pensando nos fatores psicológico e histórico dos grupos escolhidos. Ou seja, hoje temos a globalização que influencia no formato que vai ter o desenvolvimento social de nossos jovens, eles são cada vez mais precoces e por conta disso, talvez sofram mais no meio do processo; no século XIX, ao contrário, só havia duas maneiras de conhecer o mundo, uma seria ir à campo a outra, enxergar pelos olhos de outros através da literatura.

Álvares de Azevedo provavelmente, até pelo pouco tempo de vida, teve a segunda opção como referência, e nós, da mesma maneira pudemos concluir, ao estudar suas personagens nessa obra especificamente, que com menos ou mais acessos, por mais ou menos precoce que seja o processo de busca por uma identidade pessoal, parte da necessidade de um comportamento “individualmente coletivo” que visa tornar o desenvolver da maturidade algo mais fácil e menos dolorido, por mais complexo e assustador que realmente seja.

⁴ Na Sociologia é uma espécie de síntese dos costumes de um povo. De maneira geral, o termo indica os traços característicos de um grupo, do ponto de vista social e cultural, que o diferencia dos demais. Como um valor de Identidade Social.

FONTES E REFERÊNCIAS

AGUIAR, Eloisa. *O Canto dos Abismos, a adolescência de Álvares de Azevedo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2001.

ALVES, Cilaine. *O Belo e o Disforme, Álvares de Azevedo e a ironia romântica*. Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1998.

AZEVEDO, Álvares. *Macário, Noites na taverna e poemas malditos*. Edição comemorativa dos 130 anos da "Lira dos vinte anos". Seleção e apresentação de Hildon Rocha. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

BARBOZA, Oneida Célia de Carvalho. *Byron no Brasil: traduções*. São Paulo: Ática, 1974.

BURKE, Peter. *História e teoria Social*. São Paulo: UNESP, 2002.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Romantismo. 3 ed. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987.

CITELLI, Adilson. *Romantismo*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2007.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil, era romântica*. 4 ed. São Paulo: Global, 1997.

ERIKSON, ERIK H. *Identidade: juventude e crise*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, 2 ed.

FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GALATTIN, Judith. *Adolescência e Individualidade*. São Paulo: Harbra, 1978.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

RIVIÈRE, Claude. *Os ritos profanos*. Petrópolis: Vozes, 1997.

Rubedo. *Dicionário crítico de análise junguiana*. Revista eletrônica, 26 out. 2009. Disponível em: < <http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/abaismen.htm> >

ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Sobrevivência. Série Instintos, o lado selvagem do comportamento humano – vl.1, episódio 1. Produção da BBC e Revista Super Interessante. São Paulo. Abril, 2005. DVD (1h38 min.).

Vinícius. [Ego, ID e Super-Ego...](#) Leitura Diária, 26 out. 2009. Disponível em: < <http://leituradiaria.com.br/?p=541> >

ZANATTA, Rodrigo. *O Id e o Inconsciente Coletivo Questões a Freud, Jung e Lacan*. In: **Rubedo**. São Paulo: 1999.

CRONOGRAMA EXECUTADO

Descrição	Ago 2009	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2010	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Agost. 2010
Pesquisa bibliográfica – Elementos psicológicos e Literários	X	X	X	X	X								
Seleção e Fichamento dos textos	X	X	X	X	X								
Elaboração e apresentação do relatório parcial					X	X							
Pesquisa Bibliográfica – Análise do Conto Noite na Teverna.					X	X	X	X					
Pesquisa Bibliográfica – Emos em Manaus.							X	X	X				
Seleção e análise dos dados colhidos;				X	X	X	X	X	X	X	X		
Elaboração do Resumo e Relatório Final											X	X	
XIX Conic - Preparação da Apresentação Final													X